CONDUTA E INFLUÊNCIA DO AMBIENTE EM “O MÍNIMO PARA VIVER”: UMA ANÁLISE À LUZ DA PERSPECTIVA BEHAVIORISTA

Autor(res)

Gleice Dos Santos
Ana Paula De Sousa Lima

Categoria do Trabalho

Trabalho Acadêmico

Instituição

CENTRO UNIVERSITÁRIO ANHANGUERA

Introdução

O cinema, além de sua função estética e de entretenimento, constitui recurso pedagógico relevante para a Psicologia, pois dramatiza situações clínicas e sociais de difícil apreensão apenas pela leitura teórica. Nesse contexto, o filme O Mínimo para Viver (To the Bone, 2017), dirigido por Marti Noxon, configura-se como estudo de caso ficcional que evidencia contingências ambientais moldando condutas humanas. A protagonista Ellen, marcada pela anorexia nervosa, apresenta respostas comportamentais como recusa alimentar, sarcasmo e isolamento, todas sustentadas por um ambiente familiar inconsistente, permeado por negligência afetiva e estímulos contraditórios. Na perspectiva behaviorista, fundada por Watson e desenvolvida por Skinner, o comportamento humano deve ser compreendido como função da interação organismo–ambiente, resultado de contingências específicas de reforço e punição (SKINNER, 1974). Assim, a conduta de Ellen reflete tanto vínculos familiares desajustados quanto pressões culturais que glorificam a magreza como símbolo de aceitação social (KAZDIN, 2017). O enredo também destaca o papel do ambiente terapêutico, em que o Dr. Beckham busca reorganizar contingências por meio de reforçadores positivos, favorecendo a emergência de respostas adaptativas (BAUM, 1999). Entretanto, a resistência da personagem evidencia que padrões mantidos por anos não se modificam rapidamente, mas demandam consistência e persistência em novos contextos. Este estudo, portanto, propõe analisar criticamente o filme à luz do behaviorismo, ressaltando como fatores familiares, sociais e clínicos influenciam a manutenção e a possível transformação da conduta. Ao integrar arte e ciência, busca reafirmar a tese central de Skinner: é no ambiente que se encontram as chaves para compreender e modificar o comportamento humano.

Objetivo

O presente estudo tem como objetivo geral analisar criticamente o filme O Mínimo para Viver (To the Bone, 2017) à luz da perspectiva behaviorista, compreendendo como a conduta da protagonista é moldada e mantida por contingências ambientais.

Material e Métodos

O estudo adota caráter bibliográfico, exploratório e descritivo, estruturando-se a partir de referenciais clássicos e contemporâneos da análise do comportamento. As principais obras de Watson (1913), Skinner (1953; 1974),

Bandura (1977), Baum (1999) e Kazdin (2017) sustentam a leitura crítica do filme. O procedimento metodológico consistiu em: (1) seleção do filme como estudo de caso dramatizado; (2) revisão de literatura em psicologia behaviorista; (3) análise qualitativa das cenas e condutas apresentadas, buscando identificar estímulos antecedentes, respostas comportamentais e consequências reforçadoras ou punitivas; e (4) discussão dos achados em diálogo com a teoria behaviorista, ressaltando as múltiplas camadas ambientais envolvidas.

Resultados e Discussão

A análise revela que o comportamento de Ellen, longe de ser expressão isolada de uma vontade interna, emerge como produto direto das contingências que atravessam seu cotidiano. O núcleo familiar, permeado por negligência afetiva, figuras maternas instáveis e reforçadores inconsistentes, constitui ambiente que, ao invés de promover extinção de condutas desadaptativas, perpetua padrões de esquiva e resistência. A ausência de vínculos consistentes transforma o controle sobre o corpo em um refúgio paradoxal: sua recusa alimentar opera como fuga frente a estímulos aversivos, mas também como exercício de agência em meio ao caos relacional.

O ambiente social e cultural, por sua vez, exerce papel de reforçador distal. A glorificação da magreza como sinônimo de sucesso, amplamente propagada por mídias e padrões estéticos, legitima práticas autodestrutivas, convertendo o transtorno alimentar em uma resposta socialmente validada. Como afirma Kazdin (2017), a conduta humana não pode ser dissociada das camadas culturais que a sustentam, sendo a anorexia não apenas uma doença clínica, mas também um fenômeno social alimentado por expectativas coletivas.

No espaço terapêutico, observa-se um rearranjo de contingências: o Dr. Beckham evita a lógica punitiva e investe na criação de um ambiente reforçador, onde pequenas vitórias são reconhecidas e contingências consistentes são estabelecidas. A prática clínica aqui não aparece como imposição, mas como engenharia comportamental que busca aumentar a probabilidade de respostas adaptativas. No entanto, a resistência de Ellen denuncia a força da história prévia de reforçadores instáveis, mostrando que o processo de mudança não é linear, mas exige persistência, exposição repetida e consistência ambiental.

Assim, o filme evidencia a centralidade do ambiente na manutenção e transformação da conduta. A anorexia nervosa, nesse recorte behaviorista, deixa de ser interpretada como disfunção interna para se revelar como expressão das contingências que atravessam a vida da personagem: familiares, sociais e terapêuticas. A força dessa leitura está em deslocar a explicação da esfera subjetiva para a objetividade das relações ambiente-comportamento, reafirmando a radicalidade da tese de Skinner (1974): compreender o comportamento humano implica analisar as condições ambientais que o sustentam.

Conclusão

O filme O Mínimo para Viver, sob a lente behaviorista, demonstra que o comportamento humano é função das contingências ambientais que o cercam. A conduta de Ellen, moldada por vínculos familiares desajustados, reforçadores sociais negativos e pressões culturais, encontra no ambiente terapêutico novas possibilidades de mudança, ainda que limitadas por sua história prévia. Conclui-se que compreender e transformar condutas exige intervir nas condições ambientais que as mantêm, reafirmando o papel central do behaviorismo na análise e no manejo de comportamentos.

Referências

BANDURA, Albert. Teoria da aprendizagem social. Rio de Janeiro: LTC, 1979.

BAUM, William M. Compreender o behaviorismo: ciência, comportamento e cultura. Porto Alegre: Artmed, 1999.

KAZDIN, Alan E. Modificação do comportamento em contextos aplicados. 7. ed. Porto Alegre: Artmed, 2017.

MOREIRA, Maria B.; MEDEIROS, Carlos A. Princípios básicos de análise do comportamento. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.
SKINNER, Burrhus F. Ciência e comportamento humano. Tradução de João C. Todorov e Rodolfo Azzi. 11. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
SKINNER, Burrhus F. Sobre o behaviorismo. Tradução de Maria da Penha Villalobos. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 1982.
WATSON, John B. Psicologia: como o behaviorista a vê. Revista de Psicologia, São Paulo, v. 20, n. 2, p. 158-177, 1913.
WOLPE, Joseph. A prática da terapia do comportamento. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.